

Opinião

e publicamos em
1400000.com.br

"Quem é progressista, como não se posiciona contra desigualdades perpetuadas pela Previdência?"

Tabata Amaral, deputada federal, ao contrariar o próprio partido, o PDT, e defender a necessidade da Reforma



fábio bertato

Passatempos no convés do Titanic

Para entendermos as coisas mais difíceis, o usual é basear-nos nas mais fáceis já aprendidas. Um recurso antiquíssimo para compreender situações complexas é o emprego da analogia. Seja por meio de metáforas, parábolas ou alegorias, se sobressaem deste mundo têm conseguido tornar acessíveis aos mais simples os grandes mistérios da vida. O termo grego analogia pode ser traduzido por proporção, que significa uma igualdade de razões ou de relações. Uma analogia nos indica o que há em comum entre duas situações de naturezas distintas.

C. S. Lewis, autor das Crônicas de Nárnia, apresenta uma interessante analogia entre os seres humanos e uma esquadra de navios. Lembre-se as pessoas entendem mais sobre navios, mesmo sem nunca ter pisado em um, do que sobre suas próprias vidas. Se devemos seguir o conselho do sistema grego "conhece-te a ti mesmo", então, tal comparação vem bem a calhar para examinar nossas vidas. Parece ser o caso, pois, segundo Sócrates, "uma vida não examinada não vale a pena ser vivida". Progressistas.

São três as questões que devem ser respondidas quando um navio está em alto mar. Primeiro, o que devemos fazer para evitar que o navio colida com outros navios ou se afunde da esquadra. Em segundo lugar, o que devemos fazer para evitar que o navio afunde. Finalmente, qual é o seu destino e/ou missão. Tais questões navais na verdade apontam para questões éticas.

Dessa forma, a primeira questão indica a Ética Social. A esquadra, que representa a comunidade, só terá sucesso na viagem se todos os navios estiverem em formação, forem navegáveis e com máquinas a seu devido. Ou seja, o coletivo depende da correta performance dos indivíduos que o compõem, alinhada com uma intencionalidade comum, que conjuntamente evitam danos uns aos outros. Há uma dependência mútua entre as boas condições da esquadra e de cada navio. Para o exercício pleno da liberdade de navegar, cada navio deve assumir a responsabilidade de permitir o mesmo para toda a esquadra. Vale a pena repetir: não existe liber-

dade sem responsabilidade. O que nos mostra que a segunda questão, que indica a Ética Individual, é está intrinsecamente ligada a primeira.

Assim, para evitar naufrágios, cada navio da esquadra deve estar em boas condições, bem equipado e com um excelente grupo de marinheiros. Entre esses, destaca-se a soma importância do capitão, que deve conduzir todas as ações para o sucesso de sua missão. Analogamente, cada ser humano deve ser semelhante a si mesmo. Como é bem sabido, um capitão não pode abandonar o navio. Do mesmo modo, uma pessoa não pode abandonar sua vida, dedicando-a à deriva por meses tempestuosos. Como contra-exemplo de tal ideal, vimos recentemente a condenação de um encapitulado fugido pela justiça italiana. Na ocasião do naufrágio do cruzador Costa Concordia, o então capitão, que vergenhosamente abandonou o navio com os passageiros ainda a bordo, teve de ouvir, por televisão, o oficial operativo da Guarda Costeira ordenar em bom italiano: "Tomi a bordo, c'è un". Uma boa e oportuna pena que não deixamos o leitor de nossas vidas.

A terceira questão, que por sua vez, indica a Ética Normativa, indica acerca do porquê do navio ou da esquadra estejam no mar além de contas. A resposta a tal pergunta definiu o comportamento do navio para cumprir sua missão e chegar a seu destino. Para o ser humano, a resposta a tal questão é a mais importante, pois de lá depende o sentido que encontramos para sua vida e que planos deve traçar para atingir seus objetivos.

Para concluir a analogia náutica, os marinheiros a bordo da orquestra do Titanic. Dentre todas as possibilidades diante do eminentemente naufrágio e da morte, os oito músicos, com idade entre 21 e 33 anos, optaram por tocar boa música para acalmar os passageiros, enquanto a temperatura caía e o número insuficiente de botas. Certamente, cada um deles conseguiu encontrar as respostas para as perguntas acima. Sigamos as suas exemplos e encontremos as nossas.

Fábio Bertato é coordenador técnico de G.E. Unicap e membro de IFE Campinas - fbb@ufscar.br

Imagem do dia



DENNY CESAR/IAN Estardecer aversalhado visto das instalações da Rodovia D. Pedro I, em Campinas, em mais um dia típico de Outono

HOMENAGEM

Mães, mãezinhas e suas histórias

GUSTAVO MAZZOLA



Viviam uma data especial: 12 de maio. Combateu-se, então, nesse Dia das Mães, que todas as mães daquela família lutam se reunir na casa da Mãe para uma bela maquiagem, bem à italiana. Assim, as "Tatinhas da Festa", na companhia de suas esposas, filhas netas, até vizinhas e amigos mais chegados, comemoram a data num clima de harmonia e cordialidade. Ao fim, belas canções nas poltronas dançam um colírio de vida e encanto.

O almoço se alongou até o meio da tarde, merendado, no final, brindes efêmeros, beijos e abraços. Mas, quando todos já se preparavam para as despedidas, a dona da casa tomou a palavra para sugerir algo inesperado:

— Gente, vamos continuar juntos mais algumas horas neste dia tão especial!

— Por que não? — responderam todos.

Al voio a proposta surpreendentemente de que malçam a ideia.

— Que tal contarmos histórias, histórias fantásticas, interessantes?

Aceito! Eito, viviam três. A primeira ficou por conta da própria Mãe, originada de uma narrativa de Beremiz Samir, o homem que calculava.

Conta-se que um rei, na Índia, por haver perdido seu filho, andava muito triste. Sangui, então, no seu palácio um jovem que se dispunha a ensinar-lhe um jogo que o tirava de sua postração: um tabuleiro quadrado com 64 casas

iguais e, sobre ele, duas colunas de peças brancas e pretas, que se moviam, com sua movimentação, um empilhamento de garra, terminando com a queda da peça chave, o Rei em o jogo de Xadrez. O monarca entusiasma-se, está da depressão que o torturava. Como recompensa, oferece ao jovem o que quisesse, e sua vontade se dá prontamente atendida. Ele pediu "quero um grão de trigo colocado na primeira casa do tabuleiro, dois na segunda, quatro na terceira, oito assim até a oitogésima quarta, a última do jogo." O rei estranha o pedido, mas como ele insistisse, ordenou que lhe dessem duas ou três medidas de trigo. Lanch, esse era o seu nome, pediu a contagem correta. Al voio o incôvel da história até o meio do tabuleiro, o rei já havia perdido todo o seu reino e, se chegasse até o fim, a quarta de trigo iria equivocar a uma montanha com vezes mais alta que o Himalaia. Se a lenda amoesse todo o seu campo, não poderia em dois mil anos o trigo prometido pelo rei.

A segunda história, na verdade, era um registro interessante, feito por uma universitária - uma jovem mineira - filha de um casal que morava no Rio.

O coordenador-geral de matemática de um curso de propagação para a Universidade, professor Giuseppe Nohilini, fez uma comparação de se ganhar na Mega-sena a uma caixa d'água de um metro cúbico.

— Em vez de encher de água, coloca-se nela grão de arroz. Cabem aproximadamente 50 milhões desses grãos na caixa. Pinta-se de verde um grão de arroz, imaginando-se que cada grão de arroz seja os seis milhões apostados. Agora tente encontrar o grão verde: a chance é de um para 50 milhões para se achar o tal grão verde.

Uma amiga chegou à família e mãe de três filhas, contou a última história.

Consepara assim todo o final de tarde, o dono de uma quitanda do bairro tinha uma fruta roubada do tabuleiro em frente ao seu negócio. Um dia,

não suportando mais a afronta do jovem ladrãozinho — que ainda ria na sua frente — atirou-lhe uma pedra. Foi infelicidade, matou-o.

O caso foi a juízo popular. Seu advogado, instado pelo juiz, iniciou a defesa. Pediu um copo de água e começou a sua fala:

— Excelentíssimo juiz, Excelentíssimo promotor de Justiça, senhores jurados.

— Apanhou o copo de água e tomou um gole, lentamente. Então, iniciou:

— Excelentíssimo juiz, Excelentíssimo promotor de Justiça, senhores jurados - e tomou mais um gole de água. E assim repetiu essa sua fala e bebeu goles de água por diversas vezes.

Lá pelas tantas, o juiz, já sem paciência, intimou-o a começar seu trabalho.

Disse-lhe, então, o advogado:

— Senhor juiz, minha defesa acabou de ser concluída. Se Vossa Excelência, com toda a sua experiência, sua sabedoria, seu preparo nas coisas da justiça, seu controle pessoal, não suportou que o eu repetisse quatro ou cinco vezes a minha introdução, que ainda havia de se esperar de um humilde vultuário, sem instrução nenhuma, acusado diretamente com aquela pedra nas subitâncias de seu negócio? Por que senhores jurados a sua absolvição.

As mães, e todos por ali, ficaram tão impressionados com as histórias, que nem a maquiagem da Mãe conseguiu aliviar as tensões naquele dia.

— Senhor juiz, minha defesa acabou de ser concluída. Se Vossa Excelência, com toda a sua experiência, sua sabedoria, seu preparo nas coisas da justiça, seu controle pessoal, não suportou que o eu repetisse quatro ou cinco vezes a minha introdução, que ainda havia de se esperar de um humilde vultuário, sem instrução nenhuma, acusado diretamente com aquela pedra nas subitâncias de seu negócio? Por que senhores jurados a sua absolvição.

As mães, e todos por ali, ficaram tão impressionados com as histórias, que nem a maquiagem da Mãe conseguiu aliviar as tensões naquele dia.

Gustavo Mazzola é jornalista - mazzola@ig.com.br

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Perdas e desperdícios de alimentos

MURELLO FREIRE JÚNIOR

Perdas e desperdícios de alimentos afetam a sustentabilidade dos sistemas alimentares, reduzem a disponibilidade local e global de alimentos, reduzem a renda dos produtores e elevam os preços para os consumidores e têm um impacto negativo sobre a sua nutrição e a saúde. Além disso, afetam o meio ambiente pelo uso insustentável dos recursos naturais. Perdas se referem a algo não intencio-

nal e ocorrem em toda a cadeia produtiva desde o plantio até o consumidor devido à falta de infraestrutura adequada. São muitas e muitas as causas. Entre as principais estão o mau manejo inadequado dos produtos no campo, a falta de classificação e padronização na cadeia produtiva, o uso de embalagens inadequadas, veículos supercargados, estradas de chão e até o excesso de manuseio dos produtos por parte dos consumidores e de produtos nas gôndolas de exposição.

Já o desperdício ocorre geralmente na venda e no manuseio posterior pelo consu-

midor. É o caso de alimentos com data de fabricação vencida, produtos considerados "feios" e, por isso, descartados, além das sobras de alimentos ocorridas em restaurantes, hotéis, residências, etc. Se, de um lado é possível aumentar a oferta de alimentos, por outro, e talvez mais difícil, cada um pode reduzir as perdas que começam na produção e vão ao pó consumo. Governo, empresas privadas, estaduais e varejistas sabem o que fazer e por motivos diversos podem não cumprir seu papel. O consumidor, que, às vezes é desinformado ou desatento, não costuma

notar que é responsável por parte importante do consumo de volume do desperdício.

Algumas dicas são muito simples: a primeira é planejar as refeições, elaborando cardápio semanal, por exemplo; leve lista de compras para as compras depois de olhar o que falta na geladeira e no armário; não se incline de comprar ou consumir frutas, legumes e verduras "feios" e ou defeituosos. Eles são perfeitamente adequados para consumo já que possuem as mesmas características nutricionais que os "bonitos". Dessa forma, reduza-se a quantidade de alimentos que vão para a

lixeira, sem necessidade. Na compra, cuidado com o manuseio errado ou excessivo, pois pode ser danificar o alimento e aumentar o desperdício.

É há os talos, hastes, folhas e cascas de alguns vegetais. Por que desperdiçá-los? Há receitas de tortas, sopas e refogados capazes de transformar em pontos não apenas nutritivos, mas muito saborosos. E, na hora de comer, estimar as crianças a servir pequenas quantidades no prato. Se não for suficiente, sempre é possível voltar a preencher o espaço vazio do prato.

Não consumidores, às vezes achamos que não fazemos a diferença, mas a criação de uma cultura de aproveitamento dos alimentos e evitar voluntários custos ambientais, que incluem o des-

perdício de energia e insumos utilizados na fase de produção (água, combustível, adubo, defensivo), distribuição (embalagens, transporte) e armazenamento. Adicionalmente, os alimentos depositados em aterros sanitários, ou simplesmente descartados no ambiente, produzem metano, gás com efeito estufa 23 vezes mais potente do que dióxido de carbono.

Reduzir as perdas e o desperdício de alimentos é fundamental para a sustentabilidade do meio ambiente, para a maior eficiência do uso da água, dos insumos agrícolas e para o uso sustentável da energia gasta na produção de alimentos no campo. Bom para a economia, bom para a saúde.

Murello Freire Júnior é pesquisador da Unesp